FAMIPED

Familias, Pediatras y Adolescentes en la Red. Mejores padres, mejores hijos.

Diversidade saudável

Autor/es: Mª Ángeles Gascón. Directora de un centro infantil. Zaragoza.
Traductor/a:
Ana Rute Ferreira.
Volumen 2. Nº 4. Diciembre 2009 [1]

Introdução por Rosa Mª Macipe.

Estes pensamentos pertencem a Mª Ángeles Gascón, directora de um centro de atendimento infantil localizado no centro histórico de Zaragoza, que serve uma população muito heterogénea de que fazem parte, entre outros, ciganos e imigrantes.

Eles têm conseguido gerir muito bem esta diversidade, e sobretudo, têm conseguido evitar a exclusão. Nas suas actividades diárias participam tanto a população local como a marginal, o que nem sempre é fácil numa sociedade, em que normalmente, pela ânsia de protegermos as crianças, temos medo que estas se juntem com crianças “diferentes”.

Precisamente este ano foi-lhes concedido o prémio Aragón Multicultural, pelo trabalho realizado com as mães dessas outras crianças e por conseguirem pouco a pouco esta difícil integração.

Diversidade saudável

Para qualquer mãe ou pai é fundamental que o seu filho cresça saudável e forte. Preocupar-se com a alimentação, verificar que a criança atinge o peso e a altura adequadas, seguir as indicações do pediatra em relação aos passeios, as condições físicas do ambiente…, são questões simples, com indicadores visíveis, que a maioria da população tem em conta.

Ampliando o conceito de saúde. Passemos das necessidades físicas às emocionais. Neste âmbito adquire grande importância o contacto com o mundo, com “o outro” que não o eu: mãe, pai, irmãos, amigos… Acompanhar de maneira saudável esta “diferenciação” do mundo, sustendo num primeiro momento para, depois, “soltar”, é mais complexo que dar uma ou outra papa ou permanecer mais ou menos tempo no parque.

Porque tomar decisões em relação ao mundo que queremos para os nossos filhos, passa por eleger que hábitos de socialização lhes vamos oferecer, quais vão ser os seus companheiros de jogo, como lhe vamos mostrar o “outro”… E é aqui que nos deixamos levar por intuições, em que apenas contrastamos e, regra geral, deixamos que o medo do desconhecido actue. Neste hábito de “conviver”, o grupo, aparece como objectivo fundamental na protecção dos nossos filhos, no encontrar de espaços “seguros”: que tenham companheiros parecidos com eles, que não entrem em conflitos… A diferença excessiva, a nível cultural, económico, dá-nos pânico e queremos mantê-los afastados de tudo o que soa a “pobreza”, a “exclusão”, a “especial”…¡ ¿ Que amigos, se não terá mais?!... Argumentos que nos vão tranquilizando, “justificando” e deixando inatingível o nosso pequeno e “seguro” mundo…

Como pais, vamo-nos debatendo nas nossas inseguranças; as crianças, verdadeiros especialistas nas suas necessidades, vão respondendo de forma natural e contestando as nossas perguntas “adultas”. O problema é que, na maioria das vezes, não os ouvimos e decidimos sem sequer olharmos para eles. Detenhamo-nos nas crianças, observemos os seus códigos, os seus jogos. Se nos juntarmos ao seu mundo, se contemplarmos os seus gestos, olhares e expressões, poderemos aprender sobre elas e com elas.

Para as crianças, o importante é ter um companheiro para correr, para poder apanhar, para desfrutar com ele. Alguém que lhes permita conhecer o seu potencial e aumente a sua auto-estima… Se esse

companheiro é de outra cor ou fala outro idioma, isso não será um obstáculo. O importante vai ser a oportunidade e capacidade de criarem e construírem juntos, uma área de jogo comum. Isso abrir-lhes-á um leque de possibilidades de relacionamentos: escutar, negociar, resolver conflitos… Sozinhos não podemos aceder a todo esse mundo de relações sociais, não nos podemos entender, nem entender os outros…

Sigamos fixando-nos nos momentos lúdicos dos mais pequenos. Quando o que os une é escutar um conto, eleger uma personagem ou figurino, o importante é poderem relatar juntos uma história. Cada um trará a essa "narração inventada" o seu quotidiano. Aparecerão aí aspectos culturais significativos para cada criança, e assim, os seus mundos entrarão em relação com total naturalidade. O nível económico dos pais, os padrões religiosos que marcam a vida familiar, as histórias dos outros continentes, os valores sociais… serão mais um elemento dessa "história imaginada", desse jogo simbólico que os mais pequenos desenvolvem.

Desta forma tão simples, o que para nós parece uma linha de separação, para as crianças não é mais do que uma porta de convívio e enriquecimento.

Estamos rodeados de "verdades" universais que compartilhamos em histórias, jogos, no dia a dia das nossas vidas, por vezes não tão diversas: amor, vida, morte, amizade, poder…

Tão diferentes e tão iguais. ¿ Qual é a marca de eleição dos nossos amigos?: ¿ a côr?, ¿ o dinheiro?, ¿ a capacidade de sonhar juntos, de construir possibilidades, de nos irritarmos, para logo de seguida nos entendermos?

Então, ¿O que fazer com os pais? ¿Como cuidar desse bem estar emocional das nossas crianças? Não pensemos em receitas, oficinas, cursos ou fóruns de cinema… Deixemos de "aprisionar" a realidade e tomemos o pulso da vida, aproveitando o que nos oferece este mundo tão diverso.

Aproveitemos a diferença para criar identidade, os conflitos para aprender a negociar, a diversidade de crenças e valores para o aprofundamento da tolerância, e para a luta pelos direitos humanos universais. Educar na diversidade, abertos a um mundo em mudança, dará aos nossos filhos flexibilidade, capacidade de adaptação, de construção…

Evidentemente não há nada de mágico em tudo isto. Teremos de nos esforçar e ultrapassar a nossa imobilidade de adultos… Encontraremos obstáculos; daremos de caras com os nossos próprios fantasmas, com os nossos medos, e chocaremos; no entanto todo este processo, que poderemos fazer em conjunto com os nossos filhos, em família, irá permitir-nos crescer humanamente e isso, posso assegurar-vos que melhorará o nosso bem estar físico e emocional e, por extensão, o dos nossos filhos.

Se o tentarem fazer, através do espaço de jogo, na "escola", no bairro… irão repeti-lo.

Além do mais, habitualmente, até dos "efeitos secundários" resultam benefícios.